



## QUAL O TAMANHO DA ESCOLA DE LACAN?

Marcus André Vieira

**Resumo:** Conferência apresentada no seminário do Conselho da EBP-Rio versando sobre as relações entre os pequenos grupos psicanalíticos, e o modo de estruturação diverso da IPA (International Psychoanalytical Association) e da AMP (Associação mundial de psicanálise).

**Palavras-Chave:** psicanálise, saúde mental, instituição, supervisão.

Trabalhamos habitualmente com a ideia de grupo, agremiações, Igreja, exército, etc. Contrapomos ao funcionamento de grupo da IPA, unificado por um traço comum de universalização e de alienação, o funcionamento da Escola, coletivo de analistas e não mais grupo constituído a partir do ideal. Retomemos algumas proposições quanto ao seu funcionamento tomando a IPA como exemplo paradigmático.

Este grupo está firmemente plantado no lado esquerdo das fórmulas de sexuação. Funda-se em uma exceção que é situada no espaço externo. Ela funda-se nesta exclusão e arma-se contra o real a partir do visgo imaginário que se cristaliza neste processo.

Uma vez esta operação solidamente configurada este grupo pode crescer, expandir-se porque sua coesão interna só sofre ameaças do exterior. Ele não só pode como *deve* crescer porque quanto maior em número, maior sua capacidade de resistir a este tipo de ameaça. Ele resiste delimitando e situando a exceção. Com esta operação ele oculta/vela o verdadeiro elemento dispersor que não está na exceção mas no não-todo que ameaça, a partir do interior, o Um do grupo.

Tomemos agora o pequeno grupo como nosso objeto. Tendemos a pensá-lo, em nosso campo, a partir de sua configuração mais negativa: um pequeno séquito aglutinado em torno de um mestre. Entretanto, este pequeno grupo pode, por vezes, ser um verdadeiro grupo de analistas e não de proteção contra a análise, como seria a SAMCDA.

O pequeno grupo é aquele que consegue, num dado momento, manter em suspenso este processo de ipeização. Ele o faz graças a precariedade que o define. O pequeno grupo é aquele que está sempre ameaçado de dissolução, é aquele que ainda não se completou como grupo. Mas por isso mesmo ele é, ainda, um grupo de analistas. É um grupo que se sustenta sobre o paradoxo veiculado pelo próprio sintagma «grupo de analistas», se inserindo no tempo de sideração deste paradoxo. Vemos que isto tem uma labilidade, um tempo, vai durar o tempo de uma promessa passar de contingência a necessidade e de surpresa a sintoma. Neste momento este grupo apaga a passagem que o constituía em um espaço moebiano e cai no estilo de funcionamento esférico, bilateral, referido acima.

Perde-se esta continuidade entre interior e exterior no momento de costura do fechamento do grupo. É quando algum elemento externo poderá vir a incarnar a imagem persecutória e mortífera do real: da esclerose contagiosa ipeísta ao usurpador Jacques-Alain Miller, longa é a lista de nomes do real imaginário. Onde completa-se o esquema de funcionamento do grupo acaba a riqueza de sua contingência fundadora.

O número reduzido de elementos não garante esta asfericidade do pequeno grupo. Ele é condição necessária mas não suficiente. Ele apenas sustenta, em sua aparente fragilidade, a promessa de incompletude e singularidade e mantém presente o fantasma de dissolução necessários ao funcionamento moebiano.

A coesão é frágil, pois só assim a malha relacional estabelecida mantém o real do objeto nos seus interstícios. A integridade deste grupo é a mesma de um objeto topológico cuja existência só é garantida pela consistência de uma *mise à plat* imaginária. Tal como a saúde de uma formiga na garrafa de Klein, sua existência é asfixiada pelo excesso de ar. Crescer ou dissolver-se é seu dilema sufocante.

O PT pode nos dar um bom exemplo deste funcionamento. Durante um certo momento ele incarnou a própria ex-istência do real à sociedade. Sustentava o lugar do trabalhador, do pobre, formando uma sopa borbulhante que incluía de tudo um pouco e que perturbava os partidos estabelecidos. Chegou porém o momento onde esse pequeno grupo vê-se diante de uma escolha forçada: multiplicar-se ou dispersar-se. Seu destino oscilou então entre ser investido do brilho agalmático do objeto e invadido por uma multidão de místicos da pureza, buscando o Graal do real, ou ser injuriado (quando não abandonado) como dejetos pelos xiitas inconformados por terem sido contemplados com apenas um vislumbre da graça.<sup>1</sup>

Esse é o drama do pequeno grupo. A este drama a Escola se propõe escapar. Não vou retomar aqui toda a doutrina a este respeito. Gostaria apenas de insistir na seguinte idéia :

A Escola é a tentativa de Lacan de viabilizar um grupo que se mantenha além do ponto de suspensão, do paradoxo do pequeno grupo. Isso, evidentemente por causa do passe. A partir do passe temos a possibilidade de inscrição do real no interior do grupo, ou melhor, em posição de extimidade. O real não precisa necessariamente ser expulso. Ele pode insistir de dentro. Retomando a bela expressão de Bachelard, citado por Lacan, a estrutura pode escavar o real que surge de seu interior.

Este real articula-se à figura do AE, que perturba a institucionalização grupal de seu interior. Este é o ponto forte: ele *perturba*. Em uma passagem da *Proposta...* Lacan afirma que o AE vai funcionar “submetendo à uma crítica permanente a autorização dos melhores”. Vemos como instaura-se um jogo entre AE e o AME, onde o AE perturba o funcionamento da hierarquia, ao mesmo tempo em que se insere no interior dessa própria hierarquia. A distinção entre a hierarquia e *gradus* é fundamental mas é necessário também que haja uma certa perturbação da hierarquia a partir do *gradus*.

Afinal, por mais que tenhamos depoimentos e matematizações de cura, continua a questão: como se faz um analista? O real do desejo do analista ou do nascimento do analista, está o tempo todo sendo recolocado a partir do próprio AE. A figura do AE é uma questão ambulante para a Escola: o que faz com que este sujeito ali, a quem digo bom dia e que me parece tão igual seja tão diferente? A transmissão que ele opera de seu fim de análise não constitui um saber acumulativo, mas um saber a ser sempre novamente verificado. Só assim a escola se torna como afirma Jacques-Alain Miller um *topos* de pesquisa sobre o que é o analista.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Ele pode tentar resolver este impasse criando uma federação de pequenos grupos. Vamos somar pequenos grupos, que não deixarão de ser pequenos e livres, é o que nos prometem. Entretanto, como o zero, fundamento do Um, aqui é catapultado a um poder central vazio, o  $\{0\}+1$  aqui, acaba se revelando  $\{1+1n\}+O$ , onde o zero perde sua função e o um só subsiste como estátua. Esta estrutura leva a investidura imaginária do Um local e ao desaparecimento do Um internacional, o que retoma a questão novamente a cada nível local : crescer ou desaparecer.

<sup>2</sup> O que não é, entretanto, uma garantia absoluta. Com efeito, podemos também imaginar uma Escola, com passe e AE onde este último funciona como uma espécie de super AME ou um *self made* AME. Quanto mais a cristalização idealizada do AE, menor a possibilidade de sair desse funcionamento. Isto talvez responda em parte a objeção que se colocaria aqui quanto à proposta de Lacan de fazer uma Escola só de AEs na "Nota Italiana".

A partir dessa estrutura, pode-se falar em expansão sem que esta se dê nos moldes ipeístas de uma fortificação defensiva contra o real ou que ela implique no fim da estrutura asférica do pequeno grupo.

Podemos aqui retomar mais uma vez nosso querido PT. Durante um certo tempo, a figura de Lula se colocou como esse AE, digamos, dentro de um grupo. Ele encarnava o trabalhador, o pobre, cada vez mais *êxtimo* ao próprio partido que se torna elitizado. Sua presença, entretanto, a força de coesão mantida graças a sua atopia. Esta vai se perdendo com a progressiva metamorfose do metalúrgico no político. Lula deixa de ser um trabalhador e, a partir daí, temos o PT como um partido a mais entre outros que, crescendo ou não, já perdeu uma determinada fixação original do objeto em seu seio.

A Escola pode, então, crescer. Aí situa-se a passagem à AMP. Mantendo-se a estrutura que descrevemos, uma Escola pode ter dez ou mil integrantes, isto não vai fazer diferença pois o número aqui não tem mais a mesma função, não mais determinando uma estrutura de pequeno ou de grande grupo.

Acontece que, ao mesmo tempo que o número pode ser qualquer, ele não é qualquer um. É necessário um certo número para que o passe funcione. Nem pequeno demais que impossibilite seu funcionamento por falta de anonimato e permutação, nem grande demais que pulverize o dispositivo na distância e na burocracia, tão pronta a servir a interesses locais de poder.<sup>3</sup>

Temos, então, uma Escola que poderá crescer, mas a pergunta é se ela poderá se associar à outras e manter esse real interior. Surge, aí, a idéia do *êxtimo* que seria, no nível da AMP, o equivalente, quanto a esta questão, do AE, no nível da Escola. Ele vem fazer barreira à burocracia do múltiplo e ao mesmo tempo furar o Um de uma eventual doutrina universal do passe através da originalidade de sua posição. O *êxtimo* não se encarna necessariamente em alguém, isto pode acontecer, como acontece no Brasil onde temos um *êxtimo* ao cartel do passe, mas se encarna na *extimidade* da AMP às próprias Escolas e das Escolas à AMP. A AMP consiste em Escolas e em mais nada e, ao mesmo tempo as Escolas só podem se reunir a partir da AMP, que não é a soma das Escolas.

O AE está para a Escola assim como a Escola está para a AMP. Assim como a Escola não tem um matema específico, dado, pronto, para dizer o que é um analista, a AMP não tem como responder a o que é um coletivo de analistas. Enquanto na Escola temos o dispositivo do passe para tentar responder a esta questão encarnada no AE, na AMP temos a noção de *extimidade* entre as Escolas e a AMP para tratar a relação entre coletivos de analistas, assim como o *êxtimo* enquanto materialização destas relações. Não quer dizer que a AMP seja o lugar simbólico ou um significante de união das Escolas, mas que a AMP seja, justamente, essa possibilidade de um enodamento real de coletivos de analistas como uma “comunidade de experiência” nos termos de Lacan.

Para finalizar, vale ressaltar que se a grande questão da Escola é «o que é um analista», a grande questão da AMP é «o que é um coletivo de analistas». Compreendemos então porque a existência da AMP nos coloca diretamente comprometidos com uma posição a tomar frente a temas que concernem o laço social. Isto não significa que a Escola não tenha que se colocar diante de temas da sociedade e não quer dizer que a AMP não vá se colocar a questão do analista, mas aparece, quase que como uma derivação necessária, que a AMP trate de maneira privilegiada das questões intimamente relacionadas ao laço social. É por isso que crescem em importância a

---

<sup>3</sup> É sempre bom lembrar que a EBP aparece neste ponto de passagem para Escola. De certa forma o passe foi *extimamente* inserido, inserindo a lógica da Escola em uma federação de pequenos grupos. O nascimento da EBP foi muito especial, tendo se realizado a partir de uma aposta na Escola como solução para uma federação precária (em termos do perigo de uma ipeização) e não como instauração pontual do dispositivo do passe selando a passagem de um grupo para uma Escola. Isto aponta para as dificuldades específicas da EBP como Escola e da importância do AE para a EBP. Se o passe não funcionar e AEs não existirem, não haverá como a EBP fazer ela mesma esta passagem.

discussão sobre as novas formas de sintoma, sobre os modos de tratamento das questões da atualidade, que são, digamos, vizinhas, análogas, paralelas, às questões que o próprio laço social original da psicanálise coloca e que podem ir desde a bioética até a relação entre a psicanálise e o universo da saúde mental e da universidade.